

A identidade étnico-racial na adolescência: perspectivas sobre representatividade no ambiente escolar

Ethnic-racial identity in adolescence: perspectives on representativeness in the school environment

Bruna de Souza Victorino¹, Jefferson Lopes Oliveira¹, Sandra Duarte Antão²

Como citar esse artigo. VICTORINO, B. S. LOPES, J. O. ANTÃO, S. D. A identidade étnico-racial na adolescência: perspectivas sobre representatividade no ambiente escolar. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 16, n. 2, p. 156-165, jun./ago. 2025.



Resumo

Os impactos da colonização na identidade são percebidos na estrutura da sociedade. O presente trabalho discorre sobre como a identidade do jovem negro é impactada através do racismo estrutural presente no ambiente escolar e o efeito da representatividade nesse contexto. Foi utilizada uma pesquisa bibliográfica nas plataformas Google Acadêmico, SCIELO, PEPsic e livros cujos autores abordaram sobre a temática da identidade étnico racial. O estudo elucidou a escassez de pesquisas que refletem os efeitos do racismo no âmbito escolar, tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino. Demonstrou que a cultura do embranquecimento compõe a realidade escolar de muitos jovens negros no Brasil e que a representatividade pode ser um fator de proteção ao desenvolvimento. É importante a aplicação e avaliação de políticas públicas que busquem garantir a diversidade étnico-racial no espaço escolar e contribua para uma sociedade antirracista.

Palavras-chave: adolescência. identidade étnico racial. racismo estrutural. ambiente escolar.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

The impacts of colonization on identity are perceived in the structure of society. This work discusses how the identity of young black people is impacted through the structural racism present in the school environment and the effect of representation in this context. A bibliographical search was used on Google platforms Academic, SCIELO, PEPsic and books whose authors addressed the topic of ethnic-racial identity. The study elucidated the scarcity of research that reflects the effects of racism in the school environment, both in the public and private education networks. It demonstrated that the whitening culture makes up the school reality of many young black people in Brazil and that representation can be a protective factor for development. It is important to apply and evaluate public policies that seek to guarantee ethnic-racial diversity in the school space and contribute to an anti-racist society.

Keywords: adolescence. ethnic-racial identity. structural racism. school environment.

Afiliação dos autores:

¹Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário Geraldo Di Biase Volta Redonda, Volta Redonda, RJ, Brasil.

²Docente no curso de Psicologia, Centro Universitário Geraldo Di Biase Volta Redonda, Volta Redonda, RJ, Brasil.

E-mail de correspondência: psisandra.anta@gmail.com

Recebido em: 14/02/2024. Aceito em: 15/05/2025.

Introdução

No Brasil, compreende-se que seu povo possui características físicas diversas devido a miscigenação, que aconteceu a partir do processo de colonização que ocorreu por séculos no país. Porém, seus resquícios se perduram até os dias de hoje, porque, desde então, a dominância não foi somente dos corpos, mas de valores socioculturais que por muito tempo não foram pauta perante a sociedade, mas que hoje em dia já são pressupostos de discussão, como é o exemplo do racismo estrutural (Almeida, 2019). Ainda que essa temática tenha ganhado mais visibilidade na atualidade, percebe-se que esse debate caminha a passos lentos frente aos enormes impactos que a desigualdade racial gera na vida das pessoas. A busca por direitos iguais atravessa longitudinalmente a sociedade e os resultados observados infelizmente carecem de avanços urgentes.

O racismo estrutural também é reproduzido por muitos que compõe os povos marginalizados, no caso, a população negra do país. Isso acontece porque é um discurso, é um ideal que foi sendo reforçado em diversas perspectivas ao longo dos anos, sendo algo que perpassa todo o processo de subjetivação e vai se cristalizando no sujeito. Com isso, acredita-se que essas premissas, sentenças e ações presentes no racismo estrutural são verdadeiras, únicas e inquestionáveis, já que na essência deste racismo (Monsma, 2017, p. 69) é presente a questão hierárquica de um grupo dominando sistematicamente o outro, “são porque são”.

Essa forma de pensar sobre si pode trazer sofrimento psíquico quanto aos jovens negros, assim como elucidada Neusa Santos Souza, dizendo que “para que o sujeito construa enunciados sobre sua identidade, de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é necessário que o corpo seja predominantemente vivido e pensado como local e fonte de prazer” (Santos, 2021, p. 6).

Ao se pensar o desenvolvimento de um adolescente, é importante considerar a pluralidade de fatores que compõem a construção de sua identidade. É nesta fase que ele irá experimentar outras relações para além daquelas construídas no âmbito familiar. Um dos espaços onde esse processo irá ocorrer é na escola. É nesse ambiente da etapa escolar que vivências e experiências são trocadas, logo, interferindo diretamente naqueles que o compõem (Ribeiro, 2019). Ainda que estejam no ensino médio, a instituição pode interferir nos jovens de diferentes maneiras, já que neste lugar há atravessamentos de cunho econômico, social e até mesmo físico que submete esses jovens a uma conformidade de seus corpos, estendendo a compreensão deste último na sociedade (Foucault, 2004). Logo, uma ferramenta de questionamento relevante nesse cenário poderia ser compreender de que maneira esse processo poderia impactar no desenvolvimento dos adolescentes negros, tanto na relação consigo mesmo e na relação com a sociedade?

A temática escolhida é de suma importância para ser pontuada e dialogada. Ela traz consigo questões de ordens práticas, nossas vivências e seu peso teórico. Tanto é um assunto significativo tendo em vista a lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), onde se torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e afrodescendente nas instituições de ensino, o que mostra e reforça a importância de se conhecer a história deste povo e como reverbera ainda nos dias atuais.

Em seu livro “Tornar se negro”, Neusa Santos Souza assinala que “[...] ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (Souza, 2021, p. 77). Esse vir a ser é muito subjetivo e transpassa de forma única e impactante a cada um. Compreender a complexidade de fatores envolvidos nesse processo pode ser um passo importante para que adolescentes negros tenham a construção de sua identidade étnico-racial estruturada de maneira segura. E ainda, apontar estratégias de intervenção para que a escola seja uma aliada no desenvolvimento de ações antirracistas e se articule como um fator de proteção ao desenvolvimento.

Método

O presente trabalho utilizou como metodologia a pesquisa analítica de cunho qualitativo e descritivo, a fim de oferecer uma maior confiabilidade. Consta no presente projeto as técnicas de pesquisa bibliográfica. Como base de pesquisa, foram usadas plataformas como Google Acadêmico, SCIELO, PEPSIC. As palavras-chave usadas para a síntese da pesquisa foram as seguintes: “adolescência”, “jovem negro”, “identidade”, “racismo estrutural”, “ambiente escolar”. Utilizou-se livros cujos autores abordaram sobre a temática étnico racial, racismo e identidade afro. Dentre os artigos selecionados, usufruiu-se aqueles considerados como tendo maior relevância em relação ao conteúdo abordado na pesquisa.

Resultados e discussões

Os estudos encontrados permitiram observar uma escassez de pesquisas que explicitou o racismo e seus impactos, sendo em sua maioria artigos superficiais que apenas citavam o tema, sem uma clareza e aprofundamento no próprio.

A construção da identidade e o Racismo Estrutural: um debate invisibilizado

Como a pessoa se percebe e a síntese de tal é tida, de maneira significativa, na adolescência, já que os pensamentos abstratos, segundo Piaget (1975), se consolidam nesse período da vida. E esse processo da identidade, 8 como é compreendido, se constrói a partir do coletivo, como o sujeito se entende em inúmeras esferas, assim como elucida Munanga (1999, s/p) “ a identidade é um processo social que se alimenta de memória, e construir uma memória positiva é o passo inicial para que se estabeleçam as relações identitárias”.

Seguindo a percepção desse autor sobre identidade, o próprio traz diferentes concepções sobre a mesma, considerando o contexto histórico que se deu a formação da população brasileira e valores sociais:

Além da identidade nacional brasileira, que reúne a todas e todos, estamos atravessados/as por outras identidades de classe, sexo, religião, etnias, gênero, idade, raça, etc., cuja expressão depende do contexto relacional. (...) Com efeito, de que a identidade se trata e da qual falamos exatamente: identidade atribuída pelo pesquisador através de critérios ditos objetivos, identidade como categoria de autodefinição ou autoatribuição, identidade atribuída ao grupo pelo grupo vizinho ou longínquo (Munanga, 2012, s/p).

A partir dessas dimensões que a identidade se manifesta, é possível compreender que mesmo indivíduos ocupando os mesmos espaços, percepções sobre si e como a sociedade os percebe se dá de formas diferentes, já que a identidade desses sujeitos são entendidas de maneiras distintas. E quanto à população negra brasileira, Munanga (2012) destaca que a identidade negra passa a ser uma construção coletiva que precisa ser sintetizada a partir do fortalecimento da história. Resgatá-la e não absorver o que foi dito pelo “outro” com um viés depreciativo:

Por isso, no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial (Munanga; 2012, s/p).

Nos dias atuais, tornou-se mais significativa discussões sobre temáticas que antes não eram vistas como dignas de atenção, como pautas sociais, por exemplo. Por isso, como discorrer sobre aquilo que não se nomeia, que “não existe”? Visto isso, quando se trata do racismo, estudos e debates sobre tal vem ganhando espaços, com movimentos sociais, trazendo em questão assuntos que antes eram superficiais e/ou inexistentes. Mas o que se define como sendo “racismo”? Silvio de Almeida traz como definição.

O racismo, que se materializa como discriminação racial, caracteriza-se pelo seu caráter sistêmico. Não se trata, desse modo, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que as condições de subalternidade de um grupo racial e, por outro lado, de privilégios de outro, encontram condições de reprodução nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo pode levar à segregação, ou seja, na divisão espacial das raças (Almeida, 2017, n.p)

A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que o lugar de poder é destinado ao homem branco cisheteronormativo e seus preceitos abarcados como um único e exclusivo ideal e os demais a mercê desse dito “padrão”. E esses que se consolidaram em uma posição cômoda, assim visam permanecer, porque as diferenças não os afetam, não interferem em suas vidas:

Por que não escutamos discursos politicamente articulados em nossa sociedade sobre a identidade branca, a identidade masculina, a identidade burguesa, a identidade dos heterossexuais, etc.? Justamente porque brancos, homens, burgueses, adultos, heterossexuais são vitoriosos, estão no topo da pirâmide social, política e econômica, portanto eles não têm necessidade nenhuma para se mobilizar politicamente, para reivindicar e negociar o que já têm consolidado na sociedade (Munanga, 2012, n.p)

E esse lugar comum é propagado em inúmeras esferas e reforçado, para que aqueles dominantes não tenham seu comodismo reivindicado. E quanto a identidade, não poderia ser diferente:

O discurso identitário da elite ou classe dominante é diferente do discurso das classes dominadas ou subalternizadas. Quando os negros, através de suas entidades sociais, falam de sua identidade que deve passar pela negritude, a elite através de seus intelectuais orgânicos os criticam dizendo que eles querem dividir o Brasil, pois “nossa” identidade é única e mestiça(...). Essa crítica tem a ver com o fato de não existir um discurso político sobre a identidade branca apesar de esta existir tacitamente, pois todos têm consciência das vantagens que a branquitude lhe oferece nesta sociedade! (Munanga, 2012, n.p)

Pensando a partir das colocações acima, é possível visualizar que a identidade dos jovens não se dá de forma homogênea, já que os atravessamentos são únicos de acordo com o público referente. Como os valores presentes e seguidos pela sociedade são premissas à partir da branquitude, o jovem branco se constitui através de como os seus “iguais” pensam de si e os jovens negros partem do que pensam sobre dele (Souza, 2021). E como o racismo estrutural rege a sociedade, o corpo do negro é rechaçado e o mental é adoecido, porque quando o adolescente negro apreende o racismo e a forma que o mesmo se da “(...) pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagonico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal” (Souza, 2021, p. 5).

Como no âmbito escolar privado é significativo o número de pessoas brancas no Brasil (Portal Geledés, 2021), o jovem negro a todo momento é obrigado a questionar sua identidade, seu corpo e “todo ideal identificatório do negro converte-se , desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde

ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer.” (Souza, 2021, p. 5).

A construção distorcida de identidade pode ser fator marcante, deixando a sensação de um ambiente ameaçador, que não acolhe e não oferece igualdade de oportunidades, tornando a plenitude de suas potencialidades algo improvável 10 (Gesser *et al.*, 2018). A falsa ideologia de que existe uma igualdade racial no Brasil deslegitima toda a luta e o sofrimento enfrentado pela população afrodescendente, e permeia a subjetividade como algo real. “Uma estratificação racial bem delimitada e extremamente rígida tende a excluir os afrodescendentes dos espaços de prestígio e poder, mantendo os brancos no topo da hierarquia” (Nascimento, 2003, p. 121).

Efeitos da cultura do embranquecimento nas instituições escolares

No Brasil, um marco significativo da construção de seu povo e sociedade atualmente se reconhece a partir da invasão do povo europeu em terras brasileiras, se dando a escravização dos povos originários e depois dos africanos, deixando rastros de uma verticalidade de poder até os dias atuais:

A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social” e ainda acrescenta “do mesmo modo que o nacionalismo gera formas de pertencimento identitário, a uma dada formação social, cria, por outro lado, regras de exclusão (Almeida, 2017, s/p)

Compreender o passado permite elaborar o porquê do cenário atual ser como é. Em sua obra, Neusa Santos Souza faz um apontamento, quanto a escravização e seus resquícios, que perduram até o presente:

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (Souza, 2021, p. 19)

Com isso, entende que valores sociais passaram a ter uma normativa que marginaliza tudo aquilo que não é característico do homem branco europeu. Sendo assim, fazendo uma analogia, a população negra estaria na base de uma pirâmide que tem a normatividade branca como “lei”. E a partir dessa ideia, concepções sociais estariam se movimentando a partir de tal, concebendo uma abstração de valores dos quais retrata uma negatividade da imagem da pessoa negra como um todo.

Logo, não só as demais populações mas, o povo negro, historicamente tendeu a fazer um movimento que contraria suas características, sua ancestralidade, o que é único e exclusivo seu, como cultura por exemplo, passando a ter uma referência branca. Seriam ocorrências do passado sendo refletidas e transcorridas de várias maneiras ao longo dos anos:

Falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando as consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra é tratada como mercadoria, não teve acesso a distribuição de riquezas (Ribeiro, 2019, p. 6)

Essa produção é feita de forma múltipla, sendo uma delas através do racismo estrutural, que emprega valores e discursos de forma velada, “sugerindo” à pessoa negra, antes mesmo de nascer, uma posição

diante a sociedade de inferioridade em várias modalidades da vida (Santos, 2021). Como por exemplo, pensar que o cabelo cacheado e/ou crespo sejam ruins e que o bom é o liso, ou então a questionar sua melanina sendo algo inferior e toda sua representação. Como um jovem negro constituirá sua subjetivação nessa sociedade racista tão bem estruturada a ponto de normalizar tais vivências? A forma que a pessoa se vê pode ser atravessada, interferida pela forma como o outro a percebe, de como o coletivo a classifica, quais rótulos depositam sobre ela. Dessa forma, “a identidade do sujeito, depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo” (Souza, 2021, p.30).

A pessoa branca e tudo que remete a ela é o que se tem como referência no âmbito social, já que exposições acima apontaram para tal. Logo, diante de uma reflexão, será que o ensino da história da cultura negra nas escolas, obrigatoriedade respaldada pela Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003), estaria sendo transmitida, de forma tendenciosa, seguindo um discurso? O que se sabe, o que é aprendido, é uma narrativa do povo dominante:

O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. (Ribeiro, 2019, p. 12)

E esse discurso é tido como regra, porque pensar em um movimento que reivindicaria o próprio privilégio, seria ir contra ao conforto (Munanga, 2012). E a dificuldade em mudá-lo também parte de um obstáculo significativo, já que o lugar de poder é predominantemente branco (Ribeiro, 2019).

A todo momento, a sociedade convida o sujeito a pensar que tudo aquilo que aproxima do “ser negro” é ruim. Logo, se perceber como pessoa negra é assumir tal coisa que vai além de características físicas, somente. Mas é compreender que além do corpo, é algo político, identitário, social. Sendo assim, é uma construção de valores e reconhecimento próprio. Elucidando isto, Bianca Santana traz um relato pessoal em seu livro com o seguinte arranjo: “Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena.” (Santana, 2015, p. 13).

A submissão da população negra ocorre até mesmo dentro das próprias instituições de ensino, sendo ela pública ou privada. Os conteúdos dos livros que estudam e a forma que é passada, impactam os jovens negros na sua própria identidade. São formas e conceitos eurocentrados que além de não auxiliarem na sua potencialidade, ainda o colocam em uma situação de inferioridade (Ferreira, 2009).

Espera-se que a escola seja um local de desenvolvimento dos jovens inseridos ali, que deveria ser feito de uma forma mais plural e diversa, sendo potencializador da construção da sua identidade de uma forma saudável, mas que não é a realidade. A propagação de falas e atos preconceituosos são realizadas nesse ambiente, não só pelos alunos, mas por vezes por parte dos professores também. Professores estes que passaram por sua formação acadêmica sem o devido preparo para enfrentar esta problemática, trazendo junto de si práticas preconceituosas como reflexo do meio social que estão inseridos sendo reproduzidas. (Gesser *et al.*, 2018). Compreender caminhos que promovam a pluralidade racial e cultural do nosso país no ambiente escolar, poderia ser uma estratégia para questionar o modelo eurocêntrico dominante e desenvolver ações antirracistas. A desafiadora tarefa de produzir conhecimento em uma perspectiva decolonial ainda se mostra como uma longa estrada a ser percorrida.

(Re)conhecendo-se como um Jovem Negro: a representatividade como fator de proteção ao desenvolvimento

Sob a ótica da psicologia, entende-se a subjetividade como sendo um processo em que se forma o sujeito, resultado da junção de outros elementos como as relações sociais, a mídia, a cultura, território, crenças, entre outros. A subjetividade é produzida por âmbitos individuais, coletivos e institucionais

(Guattari, 1980).

Segundo Souza (2021, p. 33) “é preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se constituir”. Nessa cultura do embranquecimento, para muitos adolescentes negros é um desafio sentir-se pertencente aos espaços. Pensando em como a pessoa afeta e é afetada:

é necessário ampliar a quantidade de pretas e de pretos representadas/os nas linhas de frente, para que crianças e adolescentes possam construir suas representações tendo como referências sujeitos que retratam seus marcadores identitários” (Correia; Junior; Carvalho, 2023; s/p)

Logo é possível compreender a importância da representatividade de pessoas negras nos diferentes espaços para fortalecer e auxiliar na síntese da identidade do jovem negro, já que “a baixa presença de pessoas negras no ambiente de trabalho, ou mesmo distantes de cargos de gerência, pode deixar o espaço altamente suscetível a violências racistas” (Ribeiro, 2019, p. 28). Sendo assim, “quando enveredamos pela representatividade, consideramos que os sistemas de representação oferecem suporte para a constituição tanto da subjetividade quanto da identidade e corroboram um debate sobre as diferenças.” (Correia; Junior; Carvalho, 2023; s/p).

Percebe-se que a necessidade de pertencimento é uma das características fortemente presentes na adolescência. Isso se dá pelo fato dos adolescentes buscarem nos grupos seus semelhantes, onde se sintam aceitos e acolhidos. “Torna-se evidente que as relações interpessoais têm grande importância durante a adolescência” (Tomé *et al.*; 2011, s/p). Nesse novo arranjo de experiência, torna-se também possível novas descobertas, um conhecimento de si, visto que o adolescente se afasta um pouco dos pais e começa a tentar compreender suas vontades e desejos. Começa a ter discussões de ideias e busca criar e entender sua própria identidade (Aberastury; Knobel, 1988).

São os grupos que irão potencializar e permitir a valorização identitária e o autorreconhecimento como negro e a sociabilidade com os outros. Sendo assim, “assumimos como tarefa cotidiana enveredar por uma pedagogia preta, na qual a escola não seja mais o espaço unívoco de experiências doloridas com o racismo, tampouco uma das instituições que reforçam o sistema de representação do pacto da branquitude” (Correia; Junior; Carvalho, 2023; s/p), com isso, a possibilidade de uma melhor compreensão da problemática racial, seu lugar de direito quanto sujeito e seu pertencimento no coletivo. “Quando me sinto respeitada e acolhida, meu potencial se expande” (Borges; Gomes, 2023, p. 19).

Portanto, é palpável a importância do fortalecimento de movimentos e políticas sobre a identidade de um público minoritário quanto a direitos, porque como coloca Munanga (2012, s/p) “é por isso que a Lei Federal nº 10.639/03 exige que a cultura negra no Brasil seja ensinada na escola brasileira de maneira positiva e que esse ensinamento possa oferecer subsídios de qualidade capazes de auxiliar no processo de sua identidade”. Elucidando uma reflexão de que:

Nesse cenário, compreendemos a educação como elemento propulsor para a mudança e a possibilidade de reeducar o olhar pedagógico sobre o negro e a negra. A representação do corpo negro no espaço escolar, assim como estratégias pedagógicas que promovam e contemplem as diversas raças e etnias, podem constituir uma educação efetivamente antirracista a favor de uma sociedade igualitária, capaz de construir representações positivas tanto para os negros e as negras quanto para os demais grupos étnico-raciais (Correia; Junior; Carvalho, 2023, s/p).

Perez (2005) expõe a importância da valorização da ancestralidade, protegendo assim a caracterização africana, sua história e tradição, que podem e devem ser lecionados nas instituições de ensino. Para além disso, Silva (2000) diz que esse pertencimento ao grupo étnico-racial e suas tradições culturais podem

oferecer ferramentas para o negro superar o mecanismo de opressão, fazendo um movimento contrário à desvalorização de si, se percebendo e 14 reconhecendo seus valores, até porque, conforme elucidam Lobo e Antão (2024, p.7):

O processo de tornar-se negro é cheio de particularidades, quando se compreende de fato quem somos e a potência que temos, principalmente individualmente pois isso reverbera para o coletivo. Tem-se, assim, a possibilidade de olhar para o passado, ressignificá-lo e nos mantermos firmes para lutar contra essas violências que ceifam a vida de uma população que luta e reivindica o direito à vida. A luta antirracista não pode parar.

Dessa forma, é possível compreender que o conhecimento acerca da história de força e resistência do povo negro pode fomentar uma identidade mais segura e saudável e, portanto, agindo como fator de proteção ao desenvolvimento de adolescentes. Nessa dimensão, o espaço escolar, enquanto aquele que propicia o conhecimento, necessita de adaptações para oferecer a todos um espaço diverso e promotor da igualdade racial.

O tema sendo refletido na pesquisa: racismo

Na construção deste artigo, se tornou necessário a mudança do tema inicial que era sobre o impacto do racismo estrutural com jovens na rede privada de ensino, devido a dificuldade em obter dados e informações sobre o assunto abordado. Até mesmo órgãos federais se apresentaram de forma confusa e com quase nada de informação, o que aponta que a temática não tem a significância que demanda sendo atendida. Não se dá a devida importância.

Nas pesquisas feitas ao SciElo, Google Acadêmico e PePSIC, foi encontrado alguns artigos relacionados sobre o assunto, mas não de forma clara e/ou direta. São menções feitas utilizando o termo “racismo”, apenas, e quem só filtra por essa palavra, tem a falsa ilusão de que muito se é falado sobre e que há um número significativo de material que abarca o assunto, quando na verdade, só há uma abordagem superficial.

Desses materiais encontrados, foi possível perceber que quando, de fato, se debruçaram sobre o assunto, a maior parte é feita por autores negros, o que esboça essa ideia de que só se pode falar sobre a temática se o sujeito faz parte dessa população minoritária. Explícita o “a gente pela gente”, sem ter apoio ou interesse dos não pertencentes a este grupo. Pode-se perceber também que as literaturas que abordam o racismo são fundamentadas em autores brancos e estrangeiros. Com isso, evidenciando uma epistemologia local não tendo a devida credibilidade, tirando a possibilidade desse contato com um material próximo da realidade brasileira, onde o racismo se dá de forma tão particular, única. Não seria negar a importância dos autores clássicos e suas contribuições, porém mostrar que há autores nacionais referências em conteúdo tão próximos que contextualizam a realidade do Brasil, mas que não tem visibilidade, além de que estes são poucos os interessados em trabalhar ou estudar sobre o assunto em pauta.

Considerações finais

Conforme o questionamento feito, seria uma possibilidade pensar que as pessoas ao redor do sujeito, os lugares que frequenta, o(s) meio(s) em que habita, teriam sim uma interferência em como ele se concebe. Porque os valores ali presentes nessas diferentes instituições fazem parte da construção desse indivíduo e algumas interpretações de pressupostos existentes nesses espaços poderiam ser equivocadas quando a identidade e subjetividade estariam em formação, já que a maioria das pessoas não seriam seus semelhantes, algo para além da cor, tendo um viés de valores sociais como premissa

dessa elaboração. Sendo assim, o tema proposto buscou compreender a identidade do jovem negro no âmbito escolar, descrevendo os impactos dessa instituição em sua identidade, podendo contribuir como uma comunicação e servir como um meio de compreensão acessível ao grupo minoritário da população brasileira, proporcionando um (re)conhecimento quanto ao funcionamento da sociedade atual e suas problemáticas para com essa parcela da população e podendo perpetuar nos anos seguintes de suas vidas.

Quanto ao psicólogo, e a própria Psicologia em si, é de extrema importância que aprenda e compreenda as diferentes realidades e diversos determinantes sociais que estão presentes em um único sujeito e como isso faz parte da constituição da sua identidade. Conhecendo a cultura e os atravessamentos sociais que fazem parte desse indivíduo e sua constituição como tal, poderá proporcionar uma intervenção ética comprometida.

A problemática exposta no conteúdo textual refletiu quanto aos materiais pesquisados para respaldar o seguinte trabalho de conclusão de curso, apresentando dificuldades, inclusive, na obtenção de dados federais e demais órgãos quanto às redes de ensino do Brasil, principalmente de escolas privadas e afins, impossibilitando prosseguir com a ideia inicial de estudo que era sobre os impactos do racismo estrutural na construção da identidade de adolescentes negros que estão na rede privada de ensino, elucidando a necessidade de pesquisas posteriores acerca do assunto. E ainda a aplicação de políticas públicas quanto a essa minoria em suas diferentes esferas, buscando fortalecer sua racialidade, sua ancestralidade e contribuir para uma sociedade antirracista.

Um dos caminhos a se trilhar para combater as práticas racistas seria utilizar da educação em prol deste movimento, mostrando a história dessa população como de fato ocorreu, sua cultura e o cenário real da situação da população negra do país, que por muitas das vezes é negada e apagada. Outra forma que poderia impactar positivamente seria a prática de manifestações culturais como meio de expressão e de construção de identidade da população, fortalecendo sua resistência e autoestima e ocupando lugares sociais.

Dessa forma, torna-se mais propício a disseminação da consciência da negritude e sua afirmação, trazendo assim a possibilidade do surgimento de mais meios de ação para permitir o combate a toda essa prática racista.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

ABERASTURY, A. E; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo. *In*: CAMPILONGO, Celso Fernandes; GONZAGA, Alvaro de Azevedo; FREIRE, André Luiz (Coords.). Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Tomo: **Teoria Geral e Filosofia do Direito**. 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/92/edicao-1/racismo>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020. Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro).

BORGES, Gomes; BÁRBARA, Francini. **Saber de mim: Autoconhecimento em escritórias negras pra preto ler**. Almedina Brasil, 2023.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CORREA, Adriana Gonçalves; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; CARVALHO, Érika Loureiro de. Quando a representatividade importante: reflexões sobre racismo, valorização identitária negra e Educação Básica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, e19407, 2022. Epub 20 jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/>

praxeduc.v.17.19407.092 . Acesso em: 22 de maio de 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** . Tradução Suely Rolnik. São Paulo: 34, 2002.

FERREIRA, RF **Afrodscendente: identidade em construção** . Rio de Janeiro: Palas, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Foucault**. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Tradução de E. Monteiro e I. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 234-239. (Original publicado em 1984).

GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião. Menina mulher negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 18-30, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20180010>. Acesso em: 30 maio 2024.

LOBO, C. G.; ANTÃO, S. D. O letramento racial como fator de enfrentamento ao bullying nas escolas. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 1, p. 292-300, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/4399>. Acesso em: 12 maio 2024.

MONSMA, Karl. Como pensar o racismo: o paradigma colonial e a abordagem da sociologia histórica. **Revista de Ciências Sociais (UFC)**, v. 48, p. 53-82, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/30397>. Acesso em: 30 maio 2024.

MUNANGA, K. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 6–14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 29 abril 2024.

NASCIMENTO, E. L. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

BORGES, Waleska. **Portal Geledés: negros são menos de 10% dos alunos nas 20 top escolas privadas do Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negros-sao-menos-de10-dos-alunos-nas-20-top-escolas-privadas-do-brasil/>. Acesso em: 30 maio 2024.

PEREZ, C. S. B. Juventude, música e ancestralidade na comunidade jogueira do Tamandaré – Guaratinguetá/SP. **Imaginário**, v. 11, n. 11, p. 247-276, 2005.

PIAGET, J. Piaget's theory. In: MUSSEN, P. H.; KESSEN, W. (Eds.). **Handbook of child psychology: Vol. I. History, theory, and methods**. New York: John Wiley, 1983. p. 41-102.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

SILVA, D. De epistemicídio, (in)visibilidade e narrativa: reflexões sobre a política de representação da identidade negra em Cadernos Negros. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 67, p. 51-62, jul./dez. 2014.

SILVA, M. P. O antirracismo no Brasil: considerações sobre o estatuto social baseado na consciência racial. **Revista Psicologia Política**, v. 1, n. 1, p. 37-65, 2000.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TOMÉ, Gina et al. A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online], v. 24, n. 4, p. 747-756, 2011. Epub 20 jan. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400015>. Acesso em: 25 maio 2024.